

Notícias do entre-lugar: jornalismo, ambivalência e liminaridade¹

Clarissa SCHWARTZ²
Isabel Padilha GUIMARÃES³
Ada Cristina Machado da SILVEIRA⁴
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O artigo analisa a busca da mídia de referência de superação de suas próprias limitações ao tentar aproximar-se do que tem sido definido como público “Classe C” habitante da periferia metropolitana. Nossa reflexão tenta perceber até que ponto a alteridade está internalizada nas narrativas jornalísticas de televisão ou se, por outra, ela é incorporada ainda de maneira superficial e apenas amparada nas figuras midiáticas de José Júnior e Manoel Soares. Indagamos se eles efetivam os valores de sua identidade social como militantes populares de periferia na construção da identidade discursiva das matérias jornalísticas produzidas.

Palavras-chave: Jornalismo; Periferia; Identidade territorial; Ambivalência; Liminaridade.

Introdução

O artigo analisa a busca da mídia de referência de superação de suas próprias limitações ao tentar aproximar-se do que tem sido definido como público “Classe C”, habitante das periferias metropolitanas. Nossa reflexão tenta perceber até que ponto a alteridade está internalizada nas narrativas jornalísticas de televisão.

O entre-lugar que marca as experiências do que denominamos “Jornalismo de periferia” estabelece uma prática instalada num estar entre a ambivalência e a liminaridade. Sua ambivalência explica-se frente à escassez de recursos que tais propostas possuem ao tratar de construir discursivamente aquilo que socialmente está previamente reconhecido como representação de identidade. Já sua liminaridade aborda a passagem realizada frente à escassez de recursos que tais propostas possuem ao tratar de construir discursivamente aquilo que socialmente está previamente reconhecido como representação de identidade. Uma empreitada realizada respeitando cânones consagrados pela atividade jornalística

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista de Estágio Pós-doutoral (PNPD – Capes) do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM, email: clarissaschwartz@yahoo.com.br

³ Bolsista de Estágio Pós-doutoral (DOCFIX – Capes/Fapergs) do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM, email: isabelpadilha@yahoo.com.br

⁴ Pesquisadora do CNPq e Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM, email: adac.machadosilveira@gmail.com

instituída por rotinas produtivas, instaurando-se, assim, uma zona transitória que busca articular as margens que bordeiam a sociedade urbana brasileira.

Dessa forma, indagamos até que ponto é possível dentro das estruturas vinculadas à mídia de referência, como as programações da TV aberta e por assinatura, incorporar ainda que de maneira superficial e apenas amparada nas figuras de prestígio midiático e apelo popular de personalidades conhecidas, respectivamente, em nível nacional e local como o apresentador José Júnior⁵ e o repórter Manoel Soares⁶. Sua atividade inova ao convocar elementos tanto imaginários como instituídos que mobilizam as narrativas jornalísticas buscando afetar novas audiências ou atender a subjetividades que se encontravam excluídas no enquadramento tradicional.

A cobertura jornalística e a ralé

Historicamente identificada como marginal, apreciadora de padrões estéticos específicos, seus habitantes são conhecidos em muitas situações pelo termo pejorativo de ralé. Jessé de Souza (2015) ao enfrentar o longo debate sobre as relações centro x periferia aportada pela tradição sociológica brasileira, questiona a noção de que a ampliação do mercado de consumo do Brasil teria gerado uma nova classe social, a denominada “classe C”. Afirma ele: “A `ralé`, como chamo provocativamente essa classe de infelizes e desesperados, num país que nega, esconde e eufemiza todos os seus conflitos e problemas, nunca foi, na verdade, percebida como uma “classe social” entre nós” (SOUZA, 2015, online...).

Reconhecida pelos especialistas de mercado, a denominada “classe C” emergiu no cenário de consumo como desejável aos produtos midiáticos e seus patrocinadores dada a amplitude de seus interesses, a par de seu valor numérico que beira a casa dos 50 milhões de consumidores recém incorporados. Apropriando-nos dos termos provocativos de Souza

⁵ José Júnior é o apresentador do programa Conexões Urbanas, veiculado pelo canal por assinatura Multishow, da Globosat. O programa começou a ser exibido em 2008 e é produzido e dirigido pela produtora de audiovisual do coletivo AfroReggae, entidade fundada em 1993, sediada na cidade do Rio de Janeiro que busca a transformação social de jovens de camadas populares por meio da cultura e da arte. O Conexões Urbanas tem como principais temas a sustentabilidade, tecnologia social, cidadania e paz. Além do Conexões Urbanas, a produtora também realiza outros programas de televisão que têm como foco questões de segurança e criminalidade como Papo de Polícia, Paixão Bandida e Orfãos da Violência (AFROREGGAE, 2015, online...).

⁶ Manoel Soares é repórter do Jornal do Almoço, telejornal produzido pela rede de emissoras de TV aberta RBS, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, que vai ao ar às 12 horas de segunda-feira a sábado. Nascido na periferia de Salvador, Soares é coordenador executivo estadual da CUFA, a Central Única das Favelas, e se dedica a mostrar aspectos positivos das periferias e também realiza ações sociais que buscam a democracia da informação, os direitos humanos e a justiça social. Soares também apresenta o programa “Perifa” na rádio Cidade FM de Porto Alegre, é colunista do jornal Diário Gaúcho e escreve artigos para o jornal Zero Hora (SOARES, 2015, online...).

(2015), indagamos como se dá a metamorfose de um jornalismo sobre a ralé para um jornalismo para a ralé.

A fragmentação da percepção da realidade social é a forma por excelência de cegar as pessoas e torná-las tolas. Por conta disso todos os grandes jornais e todas as grandes cadeias de TV fragmentam – como veículo da reprodução de todos os privilégios injustos – seu conteúdo de modo a amesquinhar reflexão à informação descontextualizada (SOUZA, 2015, Online...).

As propostas de cobertura jornalística desenvolvidas por Manoel Soares e José Júnior buscam dar passagem de uma condição de invisibilidade social dos moradores de periferia a uma situação estruturalmente visibilizada pela mídia de referência, prestigiosas emissoras de TV aberta e por assinatura. Ao tirá-los da penumbra social, os dois repórteres os iluminam com projetos poderosos que os catalogam no diversificado panorama midiático.

As atividades jornalísticas destacadas contrariam uma tendência observada sistematicamente pelo grupo de pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras a cerca do modo como a mídia de referência brasileira aborda o tema. Em estudos anteriores observamos que o agenciamento jornalístico mantém a noticiabilidade sobre as periferias nacionais (fronteiras internacionais brasileiras) e metropolitanas (favelas, vilas e comunidades) em condição discursiva ambígua (SILVEIRA, 2012), enquadrando seus acontecimentos como alarmes de incêndio ou dispositivos panópticos, alertando continuamente a comunidade nacional/local para seus perigos (SILVEIRA, 2012). Pesquisas realizadas anteriormente demonstram que a abordagem da mídia impressa brasileira sobre os fatos ocorridos especialmente nas periferias e favelas do Rio de Janeiro transforma a cidade em epicentro da criminalidade e parâmetro sobre o debate da segurança pública. As observações permitem constatar que não há diferenças significativas ao se tratar de revistas de circulação nacional, jornais, telejornais e documentários. Recentemente, observamos uma mudança no tratamento do assunto relacionada à conversão de seus moradores em consumidores. Alteração que, no entanto, não deixa de tratar a periferia com um Outro no espaço nacional, sem incorporá-lo como uma alteridade constituinte da identidade social (SILVEIRA; SCHWARTZ; GUIMARÃES, 2014; SCHWARTZ, et al., 2015).

Indagar se os protagonistas das matérias jornalísticas efetivam os valores de sua identidade social como militantes populares de periferia na construção da identidade

discursiva das matérias jornalísticas produzidas requer observar relações pertinentes à competência representacional.

Considerando o contexto de distintos atores promovendo diferentes aproximações com a periferia, elegemos seis produções audiovisuais – que contemplam pontos de vista externos e internos da periferia - para compor nosso objeto empírico de análise (Quadro 1). Seleccionamos produções de veículos nacionais, regionais e locais. Todas as produções abordam a mesma comunidade: o Bairro Restinga, na zona sul de Porto Alegre. Os seis vídeos selecionados reúnem elementos relacionados às noções que se pretende examinar, detidas na construção da identidade territorial dos atores sociais representados, que tem como base para sua elaboração a referência a um espaço determinado, denominado de espaço de referência identitária, considerando o espaço vivido midiaticamente. Trata-se de componentes temáticos relacionados às pessoas que, nas referidas reportagens são, predominantemente, caracterizadas como porta-vozes desta comunidade. Integram o objeto empírico um episódio denominado “Restinga”, que fez parte de uma série de reportagens apresentada no programa Conexões Urbanas sobre as periferias do Brasil, duas reportagens que foram ao ar no Jornal do Almoço e ainda uma reportagem e duas entrevistas veiculadas pela TV Restinga.⁷

Vídeo	Assunto	Repórter	Emissora	Data	Tempo
1. Conexões Urbanas	História e cotidiano da Restinga	José Júnior	Canal por assinatura Multishow	02/12/12	7'17''
2. Meu Bairro, meu mundo (Jornal do Almoço)	História e cotidiano da Restinga	Regina Lima	TV aberta RBS TV	05/04/13	5'52''
3. Reportagem (Jornal do Almoço)	Crimes na Restinga	Manoel Soares	TV aberta RBS TV	28/04/14	3'06''
4. Entrevista	Entrevista com Manoel Soares	Sandro Reis	Canal online TV Restinga	22/02/12	7'41''
5. Entrevista	Entrevista com José Júnior	Márcio Figueira	Canal online TV Restinga	04/12/12	21'31''
6. Reportagem	Entrega de casas populares	Márcio Figueira	Canal online TV Restinga	17/06/15	2'27''

Quadro 1 – Produções audiovisuais analisadas
Fonte: as autoras

⁷ Criada em novembro de 2011, a TV Restinga busca interagir com os moradores de uma das maiores comunidades do sul do Brasil. Aborda assuntos como saúde, educação, lazer, cultura, segurança pública, ações sociais, além de reivindicações de seus moradores. A TV Restinga já ultrapassou a marca de três milhões de visualizações no seu site e mais de 500 mil visualizações de seus vídeos no canal do Youtube (TV RESTINGA, 2015, online...).

Constata-se a predominância de exploração de temáticas do pertencimento local, marcante na exibição das falas de fontes e relações identitárias que se estabelecem entre os diferentes atores sociais que protagonizam as narrativas jornalísticas. Observa-se a apresentação do bairro Restinga, que surge como espaço mediado.

Segundo Gustavo Souza (2010, p.179), hoje a compreensão sobre o potencial das imagens e a utilização delas faz com que o periférico passe de personagem a realizador e contador de suas próprias histórias. No jornalismo, pode-se observar este movimento através de grupos independentes oriundos das periferias que narram a sua própria comunidade como é o caso da TV Restinga.

O Outro conhecendo a Restinga

Duas reportagens analisadas têm como objetivo relatar o que é o Bairro Restinga. Nos dois casos, o discurso empregado mostra que os repórteres não possuem relação com o local.

Apesar de trabalhar com comunidades da periferia, José Júnior apresenta-se como um Outro que circula pela Restinga para conhecer o local (vídeo nº 1). O episódio “Restinga” inicia com uma chamada que busca definir o que é a comunidade:

Uma vila forjada na década de 40. Uma cidade dentro de outra cidade. Mais de cem mil habitantes que lutam diariamente para conquistar um lugar ao sol. Superar as adversidades comuns aos grandes centros urbanos. E fazer da Restinga um bairro cada vez melhor para se viver (CONEXÕES URBANAS, 02/12/2012).

O texto da chamada define a Restinga como “vila”, “cidade” e “bairro”. Em seguida, a reportagem inicia com uma pergunta: “A Restinga é a maior favela do sul?”. Membros da TV Restinga respondem que a Grande Restinga é formada por 28 vilas e tem hoje 150 mil habitantes. José Júnior conclui: “Então é uma das maiores favelas do Brasil”. Nota-se a desconformidade na designação daquele espaço. No Rio Grande do Sul, o termo favela não é usual para a nomeação de bairros periféricos.

Rosa (2015, p.33) aponta para a perspectiva de que as dificuldades de classificação e conceituação de espaços articulam-se com as disputas sociais em torno de suas representações: “Nesse contexto de disputas de significados, prevalecem, no senso comum, as figurações de homogeneidade que associam pobreza, ilegalidade e violência e reproduzem representações que tomam ‘a favela’ e ‘a periferia’ como ‘lugares por excelência da exclusão social’”. A autora alerta para o fato desses conceitos se proliferarem

“no imaginário social de forma mais vasta do que no próprio espaço urbano”, transformando-se em rótulo que se associa a determinados espaços. Em sua pesquisa: “favela, bairro, periferia, comunidade, vila são alguns dos termos acionados de forma polissêmica e, muitas vezes, ambígua por esses diversos atores, dependendo do contexto e do momento em que se encontram” (ROSA, 2015, p.33).

A reportagem valoriza o depoimento de jogadores de futebol que têm relação com a Restinga. Claiton Santos procura distinguir a Restinga das periferias cariocas. “É diferente do Rio, é diferente das favelas, porque a ‘Tinga’ é um lugar de ter vida própria, de ter seu próprio banco [...] tu consegue viver sem sair da Restinga [...] eu acho que isso aí é interessante”. O jogador Tinga, que nasceu na comunidade, comenta que sempre é indagado sobre a origem de seu nome. “E aí, é onde entra aquele orgulho assim, satisfação, melhor coisa é responder essa pergunta”.

O líder comunitário Nelson da Silva contextualiza que a criação da comunidade representou para os moradores um processo de exclusão social.

Na época do governo militar eles criaram um slogan assim: remover para promover. Na realidade era tirar o pessoal pobre que moravam [sic] no centro, mais próximo aos seus locais de trabalho e deslocar o mais longe possível, criando lá os edifícios e as moradias para o pessoal mais abastado em matéria de dinheiro (CONEXÕES URBANAS, 02/12/2012).

O depoimento acima explica um dos motivos da comunidade conseguir “viver sem sair da Restinga”, como destacou o jogador Claiton. Situada há cerca de 30 km do centro de Porto Alegre, a infraestrutura local torna-se essencial para os moradores da periferia localizada na zona sul da capital gaúcha em ambiente periférico.

José Júnior questiona o fundador da TV Restinga, Márcio Figueira, sobre a relação da comunidade com o poder público e a infraestrutura do bairro. O entrevistado afirma que os investimentos do poder público não acompanham o crescimento populacional da comunidade. O repórter faz uma terceira indagação ao fundador da TV da comunidade: “O que é a TV Restinga”?

Acho que infelizmente [a Restinga] é vista, por fora, até então, como um bairro perigoso, só marginais, e a gente tá mostrando que não. Temos problemas como em todo o lugar, com o tráfego, com saneamento básico, creches faltando, mas também temos um desenvolvimento social muito grande acontecendo aqui (CONEXÕES URBANAS, 02/12/2012).

O desenvolvimento social referido no trecho acima e também anunciado na chamada não é abordado no episódio de Conexões Urbanas que ficou bastante atrelado às declarações da TV Restinga e dos jogadores de futebol.

O quadro “Meu Bairro. Meu mundo” (vídeo nº 2) foi apresentado pela jornalista Regina Lima, repórter especial do Jornal do Almoço, que produz reportagens de estilo descontraído sobre variedades (DIÁRIO GAÚCHO, 2012). A cabeça da reportagem destaca que a Restinga é mais um dos destinos do programa. A repórter entra em um ônibus, pede uma carona ao motorista para a Restinga e no trajeto conversa com dois moradores, que não são nomeados, ignorando assim a identidade das fontes (CHARAUDEAU, 2013). A reportagem também resgata imagens e informações de arquivo sobre a criação do bairro que vão de encontro ao depoimento do líder comunitário ouvido pelo programa Conexões Urbanas. Enquanto o morador da Restinga destaca a exclusão que envolveu a transferência dos moradores, o trecho resgatado pela reportagem ressalta positivamente a criação do bairro, sem problematizar o deslocamento das famílias promovido pelo governo da época:

Numa operação sem precedentes, todas as malocas são removidas da antiga zona da ilha e reconstruídas na Vila da Restinga. Vila da Restinga, vida nova para 700 famílias, ruas largas, muito espaço, habitações melhoradas, muitas reconstruídas, outras inteiramente novas. Enquanto a criançada brinca livremente nas grandes áreas de recreação e nas largas calçadas, os funcionários do departamento municipal de habitação prosseguem seu trabalho para dar nova dimensão social ao núcleo da Restinga (JORNAL DO ALMOÇO, 05/04/2013).

A reportagem também destaca que o bairro oferece muitos serviços. “Com uma população de mais de 50 mil habitantes, o bairro tem vida própria. Aqui tem posto de saúde, bancos, supermercado, um comércio intenso e até um fórum”. Imagens aéreas do bairro ilustram a reportagem que também apresenta outras 15 entrevistas – todas sem identificação - sobre como é viver na Restinga. Três dos entrevistados reclamam de problemas de segurança, saúde e transporte, mas a reportagem não aprofunda nenhum desses aspectos e também não cobra posição dos órgãos oficiais. A matéria que iniciou com trilha sonora de samba termina com imagens do desfile da escola de samba Restinga no carnaval porto-alegrense.

As duas reportagens destacam diferentes aspectos da comunidade: enquanto José Júnior busca retratar uma periferia que tem os mesmos desafios das favelas cariocas – como problemas de infraestrutura e segurança - Regina Lima enfatiza aspectos da “periferia legal” (BENTES, 2007), apesar das reclamações de seus moradores. Observa-se que nas matérias, a representação da Restinga é contrastada com o centro de Porto Alegre e com

outras periferias. Rosa (2009, p.15) aponta para a desmistificação da ideia de “homogeneização da periferia como território da pobreza”, identificando uma crescente heterogeneidade social nessas regiões, revelando situações distintas de pobreza urbana nas periferias. Em sua origem, no entanto, há outros matizes:

O conceito de periferia foi forjado de uma leitura da cidade surgida de um desenvolvimento urbano que se deu a partir dos anos 1980. Esse modelo de desenvolvimento privou as faixas de menor renda de condições básicas de urbanidade e de inserção efetiva à cidade. Essa talvez seja sua principal característica, migrada de uma ideia geográfica, dos loteamentos distantes do centro. Mas é preciso lembrar que a periferia é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização. Hoje há condomínios de alta renda em áreas periféricas que, claro, não podem ser considerados da mesma forma que seu entorno, assim como há periferias em áreas nobres da cidade (ROLNIK, 2010).

Um pouco diferente do Rio de Janeiro é a situação do bairro da Restinga, em Porto Alegre. Com uma população de 60 mil pessoas, que possui um centro urbano e comercial e no seu entorno, algumas vilas sem saneamento básico.

Restingueiros e Tinguerreiros

Em duas matérias analisadas os repórteres têm como objetivo relatar fatos que aconteceram no Bairro Restinga.

A criminalidade é destaque de uma reportagem do Jornal do Almoço feita por Manoel Soares (vídeo nº 3). A cabeça da reportagem valoriza o enunciador: “O Manoel Soares foi até lá hoje pela manhã e conferiu de perto o que os moradores estão passando e o que os eles estão sentindo”. Ao iniciar, a reportagem traz um dado: “Três mortes em menos de 20 minutos”. O repórter entrevista cinco moradores sobre a insegurança no bairro, que não são nomeados, sendo que apenas um preferiu não se identificar. Observa-se que se trata de uma notícia genérica sobre criminalidade. Como aponta Vaz (2006, p.252) “é característico destas narrativas o fato de a vítima não ser individualizada e o motivo do crime ser menos importante, predominando a vitimização”. A identidade das vítimas não é recuperada pelo repórter. Souza (2005) atenta que a classe social interfere na forma como as notícias de crimes são elaboradas:

Quando a vítima é de classe média, independentemente das “relações pessoais” dessas pessoas, a vítima adquire, como que por milagre, um nome, uma identidade, uma história de vida, e aí lamenta-se o nível de insegurança que “atinge a todos indistintamente”, e acompanha-se o drama individual daquela pessoa que “poderia ser qualquer um de nós” (SOUZA, 2005, p. 92).

O repórter também repercute a questão da violência com alunos de uma escola. A Restinga é tomada como um “marcador de risco” (VAZ; RONY, 2008, p. 2), como mostra a reprodução a seguir:

E toda essa realidade que nós vimos lá fora gente, acaba repercutindo em sala de aula. Os professores precisam segurar a barra dos crimes que acontecem na comunidade e, por mais que pareça normal pra essa realidade, a resposta que nós teremos dessa molecada aqui não é normal em nenhum lugar do mundo. Quem é que já viu uma pessoa morta na rua levanta a mão? [a maioria dos alunos levanta as mãos] Isso não tá certo, né? (JORNAL DO ALMOÇO, 24/04/2014).

Analisando notícias de crimes na mídia carioca, Vaz e Rony (2008, p.2) verificaram como depoimentos de vítimas diretas ou virtuais auxiliam a transformar os incidentes em incidências:

O privilégio nítido dado aos crimes cometidos por estranhos no espaço público com seleção aleatória de vítimas é modo de incitar a identificação da audiência com a vítima sob a lógica do medo. Embora esse privilégio seja forma de propor que esses tipos de crime podem acontecer com qualquer um, as notícias insistem em mostrar que eles podem acontecer novamente. No noticiário televisivo, a estratégia retórica mais utilizada é colocar uma vítima, direta ou virtual, comentando o sentido desse evento para a vida na cidade e, portanto, transformando o incidente em incidência (VAZ; RONY, 2008, p. 4-5).

Dados sobre apreensões de armas e munições são destacados pela reportagem durante uma entrevista com um tenente coronel da Brigada Militar. A reportagem finaliza com uma afirmação do repórter reforçando que a maioria dos moradores da Restinga não tem envolvimento com o crime, mas, simultaneamente, atribui-se à comunidade a responsabilidade pela criminalidade em todo o município: “De acordo com a Brigada Militar, menos de 10 por cento da comunidade é envolvida com o crime, ou seja, 90 por cento da Restinga é tão vítima quanto o resto de Porto Alegre”. Nesse sentido, Vaz e Rony (2008, p.2) reiteram que: “Implícita ou explicitamente, como na já costumeira representação do ‘mapa da violência’ que por vezes aparece nas páginas e telas dos meios de comunicação, essas notícias descrevem a cidade segundo o critério do risco de vitimização” (VAZ; RONY, 2008, p. 2). Na fala do repórter, constata-se a divisão entre o referido bairro e a cidade a partir de uma espacialização da moral, entre vítimas e agressores, contrastando determinada porcentagem para a periferia, em relação ao resto da cidade, propondo um nexos causal entre centro e periferia. A vítima domina o território da cidade e se atribui a mesma identidade de vítima a uma parte dos moradores da Restinga. De modo geral, o fato do enunciador ter familiaridade com os assuntos da periferia não

interferiu no modo de condução da reportagem que valorizou uma fonte oficial e desprezou a identidade da maior parte dos outros entrevistados.

O outro caso de enunciador com proximidade com a periferia é a TV Restinga. Paim et al. (2012, p.36) lembram a possibilidade que a mídia representa como forma de deixar o anonimato e a invisibilidade para trás e ingressar em um novo “lugar” na sociedade midiaticizada. Na sua análise sobre as produções audiovisuais realizadas por moradores de periferias, Souza (2011, p.227) destacaria a composição de um “olhar periférico” visto desde dentro.

O exemplo de uma reportagem sobre entrega de moradias feita pela TV Restinga (vídeo nº 6) registra que são os próprios entrevistados que seguram o microfone e todos eles são nomeados. A atitude de entregar o microfone para os entrevistados dá o sentido de protagonismo às fontes, enquanto cabe ao repórter apenas a narração.

A periferia mediada

Outra reportagem da TV Restinga realizada durante a cobertura da conquista do bicampeonato do carnaval de Porto Alegre, em 2012, entrevista o repórter Manoel Soares (vídeo nº 4). Na abertura, o repórter Sandro Reis destaca a proximidade de Manoel com a comunidade. “Continuando aqui na Estado Maior, Manoel, ‘tinguerreiro’ também porque ele se declarou lá, que era da ‘tinga’ e pegou a bandeira [da escola de samba].

A menção à escola de samba também serve como referencial para a produção da identidade local. Gustavo Souza (2006, p.10) se refere ao samba como unificador nacional, que une comunidades e é visto como salvacionista nas classes mais pobres. Ao mesmo tempo, a força da periferia está ligada às questões culturais, pois quebram barreiras geográficas ao se difundirem em outros pontos da cidade (ROLNIK, 2010) como é o caso da Escola de Samba Estado Maior da Restinga. Nos trechos a seguir, o entrevistado marca o seu pertencimento à comunidade e promove a relação entre ser da Restinga e pertencer à escola de samba, não diferenciando estas atribuições.

A Restinga atualmente é a única escola de samba realmente comunitária, que tem uma comunidade por trás [...] Quando a escola de samba como a Restinga ganha um título como esse contribui na hora que o menino vai arrumar um emprego sim. Que na hora que ele diz, pô eu sou da Restinga, o cara que é o empregador já remete, ahhh, você é da escola de samba, você começa a criar referências positivas para a comunidade.

Eu fico muito feliz que a Restinga ela tá perdendo aquela referência de espaço de conflito que tinha anteriormente. Hoje a Restinga tá ganhando uma outra estética social. Não é à toa que há alguns anos eu tive o prazer de trazer o Central da

Periferia pra cá, exatamente vislumbrando todo esse momento legal que a Restinga vive, que a Restinga é. Confesso a vocês, eu agora, depois de muito trabalho, tendo a possibilidade de pensar em comprar uma casa, e um dos lugares que eu tô pensando em comprar é aqui [...] vou virar restingueiro (TV RESTINGA, 22/02/2012).

Aqui, ambos se utilizam de gentílicos para qualificar a identificação de Manoel com aquele território. Ao promover um programa de televisão de rede nacional na Restinga, o Central da Periferia da TV Globo, marca a sua identidade como voz e incentivador da periferia; ao demonstrar sua torcida pela Escola de samba do bairro ou o desejo por morar naquele local, marcando seu pertencimento.

Mesmo quando se trata de dar visibilidade a outro tipo de imagem da periferia, a fala inicial aborda as qualificações consideradas negativas para seguir em direção ao inverso e apontar o que há de positivo no lugar. Ao mesmo tempo em que promove a identificação, ao se intitular “restingueiro”, se distingue como um porta-voz que promove a periferia. Como afirma Vaz (2006, p.236), “a construção de um lugar como alteridade pode estar associada a uma diversidade de marcas de classificação, sendo que grande parte delas não têm relação alguma com quem nele mora”. Assim, a alteridade das favelas e das periferias hoje está vinculada à criminalidade “e é esse vínculo que serve de ponto de partida para a elaboração das relações de continuidade e descontinuidade entre presente e passado” (VAZ, 2006, p.236).

Durante a entrevista, o repórter da TV Restinga, Sandro Reis, aproveita para explicar os objetivos do canal comunitário:

A ideia nossa da TV Restinga é levar pra todo o planeta, se possível, a imagem que a Restinga é, tirando esse preconceito. Eu moro aqui há 37 anos e, infelizmente a Restinga tem esse preconceito de ser um bairro de conflito, um bairro de coisas ruins. E tu acabou [sic] de falar exatamente o ponto crítico que é o nosso projeto. É levar a Restinga sim, a essa cara que ela é. Essa cara que os meios de comunicação, infelizmente às vezes levam de forma errada (TV RESTINGA, 22/02/2012).

Manoel Soares busca um contraponto:

Obviamente quando ocorre um conflito dentro de um lugar a notícia é o conflito, a notícia não é a paz [...] Por isso que a gente não pode muitas vezes entrar numa de demonizar os veículos de comunicação [...]. Obviamente, você tem que também dar luz às coisas positivas. Não é fácil fazer o que a TV Restinga faz, não é fácil fazer o trabalho que às vezes eu tento fazer porque você não fala do avião que cai, mas você tem que falar da beleza, da complexidade que é você fazer um avião decolar (TV RESTINGA, 22/02/2012).

José Júnior também é entrevistado pela TV Restinga (vídeo nº 5). Na entrevista ele explica porque a comunidade foi escolhida para ser tema do programa Conexões Urbanas.

Eu já tinha percebido que esse lugar aqui tinha muita semelhança com os grandes complexos do Rio de Janeiro, de favela, de periferia. Então é um lugar que já tinha me marcado bastante porque eu via muita analogia e sinergia [...] A gente acha que a Restinga ela tem vida própria. Não é à toa que você não é um só um típico gaúcho, é um restingueiro. Então eu acho que a Restinga ela tem uma autoestima, ela tem uma identificação muito própria com o seu epicentro, com a sua comunidade, então pra nós, é algo que vale a pena, porque você levanta uma bandeira da própria comunidade, que no Rio tem muito isso através do samba. Vocês têm escola de samba aqui também. Mas vocês têm uma coisa de pertencimento do local muito próprio então acho que esse orgulho deve ser mostrado, exportado, não só pro Rio Grande do Sul, mas pra todo o Brasil (TV RESTINGA, 04/12/2012).

Na entrevista de José Júnior à TV Restinga, ele afirma: “Eu quero dizer que eu também faço parte desse fã-club de amigos da Restinga. Eu sou um restingueiro de longe”. Aqui, também se observa o uso do mesmo adjetivo para se referir a si próprio como aquele que, mesmo não tendo sua origem no bairro, possui identificação com ele, mesmo à distância, por se tratar de uma periferia, legitimando-se assim, como voz das comunidades periféricas. Observa-se que ele promove a alternância dos argumentos, ora promovendo a analogia com outra periferia, ora valorizando as particularidades do bairro da Restinga.

Nos três exemplos acima que ilustram as falas dos três atores sociais ligados à periferia, nota-se a insistência em superar a imagem da periferia como um lugar de conflito, mas esta reiteração vai ao encontro do que Rosa (2009, p.7) denomina de “chave de leitura da exclusão”, na qual se acentuam as interpretações das favelas e periferias a partir do que elas não têm. “Ausência de leis, ausência do Estado, ausência de direitos, ausência de cidadania, ausência de ordem, ausência de planejamento – em última instância, ausência de cidade propriamente dita” (ROSA, 2009, p.7). A autora alerta que esta caracterização reforça velhas dicotomias como, por exemplo, centro/periferia, que, por contraste “acaba por se reproduzir em discursos midiáticos e informa o senso comum, alimentando a (re)produção de estereótipos e a interpretação homogeneizante de fenômenos tão complexos e diversos quanto as favelas e periferias urbanas” (ROSA, 2009, p.7).

Comentando Maffesoli, Arnt (1997, online) aponta que “a contemporaneidade, interposta por uma mídia absolutamente impregnante, tem nas figuras emblemáticas das estrelas de música, esporte, cinema, televisão ou guru intelectual ou religioso a cristalização do gênio coletivo”. Elas marcam o pertencimento a uma tribo, que no exemplo dos

jogadores de futebol, mas especialmente de José Junior e Manoel Soares, diz respeito às figuras que, mesmo vivendo em outro local, mantêm uma relação estreita com a periferia.

Considerações finais

Ao final, queremos reconhecer que nosso propósito passa a ser, de certa forma, o de produzir uma reflexão sobre a noticiabilidade jornalística em sua relação com o debate centro e periferia. Trata-se, portanto, de introduzir o valor como elemento constituinte de toda narratividade jornalística e, afastando-nos, de consagradas atitudes promotoras de imparcialidade” ou de “objetividade” jornalística. A necessidade de se problematizar as condições de produção e circulação da narratividade jornalística conclama considerar a emergência de um novo bloco econômico integrado pelo Brasil, como os BRICS que, junto a Rússia, Índia e África do Sul nos encaminham a refletir sobre uma possível redistribuição da geopolítica da informação jornalística em âmbito global.

Ao realizar uma análise das articulações entre o Outro e o Restingueiro, observamos como os atores sociais são vistos como personagens aos quais se atribui determinados comportamentos em relação àquele espaço. A exceção é observada na matéria da repórter Regina Lima (vídeo 2), que é marcada pela celebração do bairro Restinga, que se concentra na principal avenida do bairro, destacando aspectos como o consumo, por exemplo, sem aprofundar problemáticas levantadas pelos entrevistados.

Ligada à composição de um imaginário, há formas dominantes de organização do espaço da periferia e da relação estabelecida com a realidade a partir do conjunto de questões abordadas. Marcadas pelo mesmo estilo comunicativo dos repórteres de periferia, tanto as imagens veiculadas do Outro como do Restingueiro apontam para o compartilhamento de experiências e para a representação da periferia mediada, um estilo baseado no pertencimento ao imaginário do território e à periferia midiaticizada, que não obstante, torna-se uma só. O espaço vivido apropriado cultural e simbolicamente, na fala dos repórteres, concomitantemente, reforça as diferenças e busca aproximações entre identidades territoriais referentes ao nacional e ao regional, promovendo a relação entre dois espaços de referência identitária concretos, a periferia regional representada pela Restinga e as periferias do Rio de Janeiro, revelando aspectos ambivalentes nos discursos analisados.

Referências

AFROREGGAE. **Destaques**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

<<http://www.afroreggae.org/conexoes-urbanas>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

ARNT, Héris. Estilo Estético, uma maneira de estar no mundo. **Logos: Comunicação e Universidade**, Rio de Janeiro, v. 4. Nº 1, 1997. s. p. Disponível em:< <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14578>> Acesso em 10 jun.2015.

BENTES, I. **O Contraditório discurso da TV sobre a periferia** (2. fev.). Agência Jornal Brasil de Fato. Entrevista concedida a Dafne Melo, 2007.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

DIÁRIO GAÚCHO. **No ar, a repórter Regina Lima**. Porto Alegre: Grupo RBS. 22 de jul. 2012. Disponível em: <<http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2012/07/no-ar-a-reporter-regina-lima-3827212.html>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

MULTISHOW. **Conexões Urbanas**. Disponível em:

<<http://globo.com/multishow/conexoes-urbanas/t/todos-os-videos/v/ep13-restinga/2270260/>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

OBSERVAPOA. **Restinga**. Porto Alegre, 2015. Disponível em:

<http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regioes=93_0_0>. Acesso em: 06 jul. 2015.

PAIM, D. et. al. A organização midiática de um ethos de periferia a partir de narrativas televisivas. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.36, p.29-49, jan./jun. 2012.

RBS TV. **Manoel Soares mostra o que os moradores estão passando no bairro Restinga em Porto Alegre**. Disponível em: <<http://globo.com/rbs-rs/jornal-do-almoco/v/manoel-soares-mostra-o-que-os-moradores-estao-passando-no-bairro-restinga-em-porto-alegre/3310154/>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

_____. **Meu bairro, meu mundo**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/em-meu-bairro-meu-mundo-regina-lima-visita-a-restinga/2500406/>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

ROLNIK, R. [Entrevista disponibilizada em 14 de junho de 2010, a Internet] 2010. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/>> Acesso em: 07 jul.2015.

ROSA, R. T. **Favelas, Periferias: uma reflexão sobre conceitos e dicotomias**. 2009.

Disponível em:

<http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1767&Itemid=229> . Acesso em: 07.jul. 2015.

SCHWARTZ, C. et al. De cinturões de miséria a exército de consumidores. Evolução do narrar a periferia metropolitana no século XXI. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 10°. **Anais...** Porto Alegre: Rio Grande do Sul, 2015.

SILVEIRA, A. C. M. Apropriações e modos de ver e devorar o outro: a ambivalência na cobertura jornalística das periferias. **Ghrebh**, São Paulo, v. 14, n. outubro, 2009, p. 157–176.

_____. A cobertura jornalística de fronteiriços e favelados – narrativas securitárias e imunização contra a diferença, **Intercom - RBCC**, São Paulo, v. 35, n.1, p. 75-92, jan/jun., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n1/05.pdf>>. Acesso em 11 jul. 2013.

SILVEIRA, A. C. M.; SCHWARTZ, C.; GUIMARÃES, I. P. A cobertura jornalística como narrativa de reconstituição midiática: análise dos efeitos de dramatização. In: Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 12º. **Anais...** Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 2014.

SOARES, M. **Perfil Facebook**. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Manoel-Soares/397255577015664?sk=info&tab=page_info> Acesso em: 15 abr. 2015.

SOUZA, G. Revendo as noções de periferia a partir do seu cinema. **Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v.11, n.98, p. 178-197, jan/jun. 2010.

_____. **Culturas urbanas periféricas no documentário brasileiro: funk, hip-hop e samba**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2006/gustavo_souza.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2015.

SOUZA, J. (Sub)cidadania e naturalização da desigualdade: um estudo sobre o imaginário social na modernidade periférica. **Política & Trabalho**. n. 22, p.67-96, abr. 2005.

_____. **Ralés, batalhadores e uma nova classe média**. Entrevista a IHU em 03 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/40345-ralés-batalhadores-e-uma-nova-classe-media-entrevista-especial-com-jesse-de-souza>>. Acesso em 12 jul.2015.

VAZ, P. Experiência urbana e narrativas de crime. **E-compós**, Brasília, v.11, n.1, jan./abr. 2008.

_____. Da pobreza à barbárie: a mudança na imagem da favela no noticiário de crime. In: PRYSTHON, A. (Org.). **Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e culturas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

TV RESTINGA. **Quem somos**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.tvrestinganaweb.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

_____. **TV Restinga entrevista Manoel Soares da RBS**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9i0s4BQ3RCA>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

_____. **TV Restinga entrevista José Júnior**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aBuI6UZ1lnQ>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

_____. **Prefeitura entrega 24 novas moradias na Restinga**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Aq-VTJioeXg>>. Acesso em: 03 jul. 2015.